

## ANTOLOGIAS DO DESEJO: ONDE O PRAZER OUSA TER FALA

Claudicélio Rodrigues da Silva\*  
Lúcio Flávio Gondim da Silva\*\*  
Marcus Vinícius Maciel Matos\*\*\*

■ **RESUMO:** Uma vez que as antologias refletem os temas em evidência de uma época, o artigo analisa quatro obras cujos textos e autores foram reunidos em torno do erotismo, tema clássico e recorrente nas literaturas, sobretudo em tempos onde imperam o autoritarismo, o conservadorismo e o fundamentalismo. A literatura erótica, com seu discurso licencioso, impõe-se como mecanismo de transgressão e crítica aos costumes, ao mesmo tempo em que agencia os saberes sobre o corpo e o uso que se faz dos prazeres. Ao reunir textos de uma tradição do discurso erótico de diversas épocas e culturas, o que pretende o organizador e tradutor? Qual a importância de uma antologia de poemas eróticos na história da literatura brasileira? Por que as minorias precisam demarcar um território e um lugar de fala na literatura? Este artigo propõe uma leitura do discurso erótico através de antologias como atos políticos nos quais o cânone é atravessado, confundido, revisto e reatualizado em nome das demandas urgentes dos discursos e produções contemporâneas. Nosso estudo parte das obras *Antologia erótica em tradução* (2006), organizada por José Paulo Paes, e da *Antologia da poesia erótica brasileira* (2015), organizada por Eliane Robert Moraes, e se detém em duas antologias de minorias dissidentes: *Poesia gay brasileira – Antologia* (2017), organizada por Amanda Machado e Marina Moura, e *Pretumel de chama e gozo: antologia de poesia negro-brasileira erótica* (2015), organizada por Cuti e Akins Kintê.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Antologias. Minorias. Poesia erótica. Representatividade.

### Introdução

Antologia e florilégio são vocábulos que têm em comum o sentido de reunião ou coleção. Etimologicamente oriundos da botânica, cujo sentido literal consiste na coleta de flores, é a extensão de seu sentido sobretudo para a cultura do livro que tornou esses termos tão conhecidos. As antologias representam um panorama de

---

\* UFC – Universidade Federal do Ceará – Departamento de Literatura – Programa de Pós-Graduação em Letras – Fortaleza – CE – Brasil. 60020-181 – claudicelio@gmail.com.

\*\* UFC – Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Letras – Fortaleza – CE – Brasil. 60020-181 – luciofgondim@gmail.com.

\*\*\* UFC – Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Letras – Fortaleza – CE – Brasil. 60020-181 – marcusmatoscontato@gmail.com.

leituras de uma época e de um lugar porque trazem em sua concepção informações sobre os temas que estão (ou deviam estar) em evidência no ato de sua produção e distribuição. Ora legitimam o cânone, ora o atravessam para preencher suas lacunas com novos objetos. Mesmo quando as coletâneas trabalham especificamente com autores consagrados, pode haver nessa colheita um quê de transgressão na medida em que os textos são escolhidos a partir de um tema, não de uma temporalidade ou da legitimidade dos autores.

Com o advento dos estudos culturais e as lutas políticas de negros e negras, LGBTQ+, mulheres, etc., a poesia brasileira atual espelha a diversidade ou continua majoritariamente branca, hétero e patriarcal? O que dizem os poemas das antologias analisadas quanto às vozes que, historicamente silenciadas, agora decidem que querem falar e não aceitam apenas ser o discurso do outro? Em matéria do desejo, tendo certeza que o erotismo tem em seu arcabouço cultural relatos de uso para negação e aniquilação do prazer do outro, como pensar o erotismo na poesia das minorias que seja libertador e não repressivo?

A história da sexualidade tem mostrado como os homens orientaram seus interesses políticos e econômicos através dos relacionamentos amorosos, culminando em disputas nas quais o que estava em jogo era o poder. Sexo é poder e é político. E é exatamente isso que este texto tenta discutir nos estudos dos poemas reunidos nas antologias selecionadas para esta pesquisa.

Neste trabalho, levou-se em consideração a perspectiva do desejo, do amor e das paixões para se proceder a um estudo do discurso das minorias sobre o corpo e o seu lugar de fala. Assim, levou-se em consideração tanto o discurso das vozes do eu lírico (aspectos intrínsecos do texto) quanto a representação social de seus autores (o lugar de quem escreve e fala, a aceitação ou não de sua produção nos meios culturais, seus embates diante da necessidade de assumir uma voz).

### **Eros canônico: o que escreve torto por linhas tortas**

Quando José Paulo Paes publicou *Poesia erótica em tradução*, em 1990, há duas décadas o Brasil já tinha experienciado a cultura do desbunde, atitude de abdicação da luta contra os regimes ditatoriais e a censura e o mergulho numa forma de vida de excessos, sobretudo em relação ao sexo. A contracultura não somente formulou os comportamentos daqueles jovens, como também alimentou a ficção e a poesia. Entretanto, a década de 90 colheu também os frutos da explosão da cultura de massa, da popularização da TV e da enxurrada de pornografia que jorrava nas revistas masculinas vendidas nas bancas e nos videotapes pornôns alugados em locadoras. Definitivamente, se o brasileiro tinha algo de conservador (e realmente tinha) isso era sorrateiramente disfarçado, porque a imagem através da qual o país se vendia para o estrangeiro, necessariamente, se resumia a cerveja, carnaval e mulheres nuas.

A antologia de textos selecionados e traduzidos por Paes chegava num momento propício, portanto. E tinha a finalidade de popularizar aquilo que a tradição considerava clássico e canônico, embora muitos desses textos tenham sofrido tentativa de patrulha no horizonte de sua produção e recepção. Ao pesquisar os textos que comporiam a coletânea, Paes se deparou com uma dificuldade: edições clandestinas das obras, trancafiadas por colecionadores ou guardadas em acervos de bibliotecas espalhadas pelo mundo. Boa parte dessas obras eróticas sofreram intervenções diretas e indiretas dos governos que lhes eram contemporâneos<sup>1</sup> em detrimento de uma moral que patrulhava a manifestação do desejo. Octavio Paz (1982, p. 360) afirma que “não só o Estado jamais foi criador de uma arte realmente de valor, mas também que, quando tenta convertê-la em instrumento para seus fins, termina desnaturalizando-a e degradando-a”.

Com quatro reimpressões e uma edição pela Companhia de Bolso (2006), o livro reúne de forma compacta um grande número de textos das mais diversas autorias e de épocas diferentes. O livro começa por poemas oriundos da maior reunião de textos da antiguidade helênica, a *Antologia Grega* ou *Palatina*, e segue com textos da priapeia, das adivinhas medievais francesas, dos *Carmina Burana*, da poesia provençal, do século de ouro espanhol, da poesia da restauração inglesa e de poetas clássicos como Ovídio, Aretino, Baudelaire, Apollinaire, entre outros. Nos textos, indivíduos considerados marginais, como mulheres, prostitutas, escravos e homossexuais, são personagens recorrentes. De qualquer modo, possuem uma representação poética que fomentava a opressão que sofriam. Isso é muito marcante se pensarmos na figura feminina, pois muitas vezes estava sempre numa condição de inferioridade à masculina.

A leitura destes poemas traz à tona um panorama do pensamento heteropatriarcal que ganhou força nas sociedades ocidentais, pois os textos retratam grupos sociais que foram privados da liberdade de escolha, quase sempre em situações de domínio masculino.

Vinte e cinco anos após a primeira edição da antologia de Paes, Eliane Robert de Moraes publica *Antologia da poesia erótica brasileira* (2015). Com o intuito de afirmar a existência de uma literatura erótica brasileira, a pesquisadora reuniu poemas eróticos de 127 escritores brasileiros e mais 20 poemas de autores anônimos. São textos que compreendem um longo período da história da literatura brasileira, do século XVII ao século XXI. Sua ideia partiu de um dos esboços de prefácio a *Macunaíma* (1927), onde Mário de Andrade associa o erotismo aos gêneros da cultura popular brasileira. Tendo como ponto de partida a tese do

---

<sup>1</sup> A própria *Antologia Grega* ou *Palatina* passou séculos engavetada, na posse do Sacro Império Romano-Germânico, descoberta depois na Biblioteca Palatina de Heidelberg, posteriormente tendo maior parte de seu acervo levado para a Biblioteca Apostólica do Vaticano. Também tem o caso dos *Carmina Burana*, coleção de canções satíricas de autores desconhecidos, que foram descobertos num monastério beneditino no sul da Baviera, em 1803.

escritor modernista, a pesquisadora tenta confirmar a ideia de que sempre existiu na literatura brasileira uma lírica erótica que precisava ser organizada para formar um *corpus* temático.

Eliane verifica como a escrita erótica se produziu no Brasil e o que ela acabou por privilegiar. Reconhecer essas características é uma forma de fazer um diagnóstico de como se deu (e ainda se dá) a produção poética erótica no Brasil, e quais os elementos e personagens retratados nos textos. Se compararmos os poemas dos séculos iniciais de formação da colônia, por exemplo, é possível perceber que o erotismo existia como forma de estranhamento e satirização. Isso era algo recorrente na lírica de Gregório de Matos, primeiro do conjunto de poetas escolhidos para a antologia. Vejamos o caso do poema “O homem mais a mulher”, que se inicia a partir de um mote que apresenta o tema que será desenvolvido, a guerra dos sexos, e cujos versos encerram cada uma das estrofes:

Mote

*O cono é fortaleza,  
o caralho é capitão,  
os culhões são bombardeiros  
o pentelho é o murrão.*

1.

O homem mais a mulher  
guerra entre si publicaram,  
porque depois que pecaram,  
um a outro se malquer:  
e como é de fraco ser  
a mulher por natureza,  
por sair bem desta empresa,  
disse, que donde em rigor  
o caralho é batedor,  
O cono é fortaleza.

2.

Neste Forte recolhidos  
há mil soldados armados  
à custa de amor soldados,  
e à força de amor rendidos:  
soldados tão escolhidos,  
que o General disse então,  
de membros de opinião,  
que assistem com tanto abono  
na fortaleza do cono,  
O caralho é capitão.

3.  
Acartelaram-se então  
com seu capitão caralho  
todos no quartel do alho,  
guarita do cricalhão:  
e porque na ocasião  
havia de ir por primeiros,  
além dos arcabuzeiros  
os bombardeiros, se disse,  
de que serve esta parvoíce?  
Os culhões são bombardeiros.

4.  
Marchando por um atalho  
este exército das picas,  
toda a campanha das cricas  
se descobriu de um carvalho:  
quando o capitão caralho  
mandou disparar então  
ao bombardeiro culhão,  
que se achou sem bota-fogo,  
porém gritou-se-lhe logo,  
o Pentelho é o murrão. (MORAES, 2015, p. 57-58).<sup>2</sup>

Como se vê, o ato sexual é tratado como fruto do pecado, motivador de uma contenda entre o casal, sendo um mito agregado àquele narrado no Gênesis sobre a criação e a origem do pecado. Por isso, os órgãos sexuais são retratados a partir da alegoria do aparato bélico. Ou seja, homem e mulher querem vencer a batalha e, para isso, colocam nessa empresa as armas singulares, seus órgãos sexuais. O curioso é que, a despeito de o eu lírico afirmar a fragilidade natural da mulher, o famoso sexo frágil, também a coloca como disposta a provar o contrário disso, já que a guerra entre os sexos ocorre na cama. Desse modo, o poema satírico de vertente erótica, quando objetiva depreciar um sujeito, acaba por revelar também outras demandas.

Outra questão que envolve a lírica do poeta barroco são as temáticas sexuais voltadas para as mulheres negras e a sublimação do sentimento para as brancas. Segundo o historiador Ronaldo Vainfas (1989), era um pensamento coletivo a ideia de que as mulheres negras possuíam predisposição natural à fornicção. O pesquisador conta que Gregório de Matos escreveu muitos poemas eróticos e

---

<sup>2</sup> Como uma antologia é uma reunião de textos de autores diversos, optamos no artigo por colocar na referência de um poema citado ou de um texto de prefácio o organizador do livro, enquanto o poeta ou o prefaciador é mencionado apenas no corpo do parágrafo.

satíricos sobre mulatas baianas, muitas delas prostitutas, mas “não ousava brincar com a honra das brancas às quais só escrevia em tom cortês, ao passo que às negras d’África ou às ladinas referia-se com especial desprezo” (VAINFAS, 1989, p. 65).

Ao ler uma antologia como essa, é possível perceber que, no decorrer da história do país, o erotismo como temática literária nem sempre servia para enaltecer a manifestação sexual ou para assegurar a diversidade social. Na verdade, a temática sofria com imposições e com o moralismo de uma elite que exercia influência sobre a produção poética. Isso justifica o grande número de poemas em que existe uma supervalorização da virilidade masculina, caso do poema “Elixir do Pajé”, de Bernardo Guimarães, presente na seleção de Eliane Robert. O poema é longo e parodia os poemas narrativos indianistas de Gonçalves Dias, rebaixando a figura do índio forte e guerreiro que os românticos brasileiros tomaram como modelo para a elaboração de uma literatura nacional. O índio da sátira é um velho pajé acometido de impotência sexual que recorre a um elixir para recuperar a virilidade, reduzida ao sucesso do membro:

[...]

E ao som de inúbias,  
ao som do boré,  
na taba ou na brenha,  
deitado ou de pé,  
no macho ou na fêmea,  
de noite ou de dia,  
fodendo se via  
o velho pajé. [...] (MORAES, 2015, p. 85-92).

No trecho selecionado, o líder espiritual da tribo demonstra toda sua força pela energia que possui para realizar o ato sexual. Essa característica é tão importante no poema que não existe distinção de gênero dos parceiros. Dessa forma, a figura masculina do pajé demonstra tanta virilidade que ele fode até mesmo outros homens. Essa situação é um exemplo de como relações sexuais homossexuais eram, quase sempre, representadas de forma satírica. Mas não é esse o caso do poema “A um moçoilo”, do romântico baiano Junqueira Freire, também presente na antologia de Eliane Robert, cuja fala do eu lírico tem por destinatário da declaração do desejo um adolescente, que parece desprezar os galanteios do amante:

Eu que te amo tão deveras,  
A quem tu, louro moçoilo,  
Me fazes chiar e amolas,  
Qual canivete em rebolo;  
Eu que, qual anjo, te adoro,  
Então, menino, eu sou tolo?

[...]

Quem já em ver seu queixinho  
Bipartido se mantém;  
Quem embebido em seu todo  
Horas, dias gasto tem;  
Quem no cárcere do corpo  
A alma por ele sustém;

Avanço axioma certo, –  
Que esse não é tolo, não;  
Que esse ama angelicamente  
Fora da contágia;  
Que esse que tolo xingá-lo,  
Esse sim – é toleirão.

E tu que me xingaste tolo,  
Meu moço, anjinho feliz!  
Só porque amar-te deveras  
Meu Deus, minha sina quis.  
Só porque certo bem maus  
Dous versos te dei que fiz.

Meu anjo me olha e despreza  
Com mirar tão furibundo!  
Já não hei mais esperança  
De ter serafim jucundo,  
Que aos céus me leve risonho  
Quando me for deste mundo.

Mas se tolo é admirá-lo  
A todo mundo interpô-lo,  
Querer lá vê-lo num trono,  
Num leito dourado e pô-lo,  
Alfim beijá-lo e gozá-lo,  
Então sim quero ser tolo! (MORAES, 2015, p. 113-114).

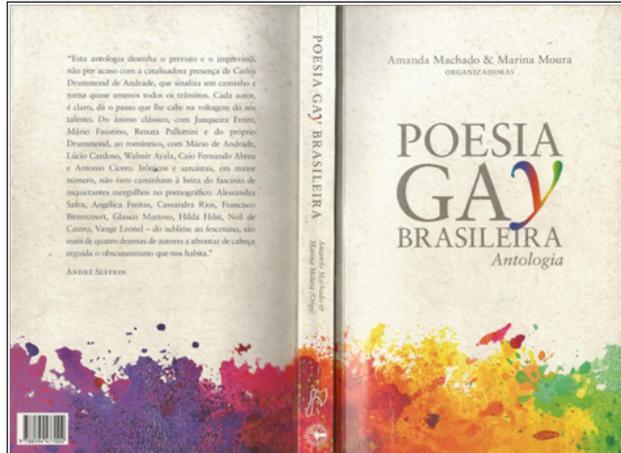
Enquanto os poetas românticos cantavam o amor correspondido ou não à musa de corpo e alma, virginal, pura, casta ou casada e, portanto, impossível, o poema de Freire vai na contramão ao cantar o desejo homoafetivo, à semelhança da relação pedagógica entre erastes e eromenos da Grécia clássica, o jogo erótico entre um adulto e um adolescente.

Enquanto a *Poesia erótica em tradução* apresenta apenas textos de autores masculinos, na *Antologia da poesia erótica brasileira* o primeiro poema de uma mulher é da obra *Esfinges*, de Francisca Júlia da Silva, publicada apenas em 1903. Essa verificação atesta o quanto as mulheres só ganharam espaço na poesia erótica brasileira tardiamente e de forma modesta, se compararmos à quantidade de poetas selecionados pela pesquisadora. Não afirmamos que as duas antologias tenham o papel de privilegiar um grupo ou outro, mas de mostrar que no cânone literário estão obras poéticas produzidas por autores de diferentes contextos sociais que se utilizaram da temática para fomentar uma poética do desejo, mas acabaram por produzir documentos que explicam as condutas da sociedade de sua época em relação ao uso social, cultural e político do corpo.

Para o professor e pesquisador Roberto Zular (2006), a questão crucial da antologia de Robert diz respeito à ontologia, já que o erotismo retorna sempre à essência do ser humano e sua diversidade. Zular (2006, p. 358) afirma que “um dos efeitos mais fascinantes dessa antologia é nos fazer imaginar outras antologias – mas eis a novidade que não sabíamos – eróticas!”. Na verdade, como coleção, uma antologia pode ser pensada como uma experiência de degustação para um público mais amplo, devendo o leitor continuar a recolher outros textos para elaborar um florilégio íntimo.

### **Existe poesia gay?**

O fundo cinza na capa do livro *Poesia gay brasileira* (2017) contrasta com a aquarela multicolor em suas bordas inferiores e com a letra Y da palavra gay no seu título, que contém um degradê das cores da bandeira LGBTQ+. O verde e o amarelo da bandeira nacional, por outro lado, predominam na paleta de cor que recebe o leitor. Um tom de vermelho saindo do canto da página, todavia, vai de encontro a eles e respinga tanto no duo cromático brasileiro por excelência, como no próprio cinza que emoldura os conflitos de cor no design da obra. Apenas na quarta capa encontramos o rosa, o lilás e outros tons de vermelho, agora bem menos sangrentos. Junto deles, as primeiras questões que nos instigam e redundaram na construção da seção deste artigo.



**Figura 1.** Capa, lombada e contracapa de *Poesia gay brasileira: antologia*

Assim, podemos começar a pensar sobre os critérios utilizados para a construção desta publicação, a quem e para que ela se destina, com o “Poema gay”, texto de Glória Horta, que inicia da seguinte forma:

O falo é um fardo  
o corpo, a farda da farsa,  
e eu sou o grito, o berro, o urro, o erro  
minhalma é uma menina e meu corpo uma mentira  
não sou homem nem mulher  
um ser que sobra e falta e desencontra  
num mundo diferente de todos os mundos,  
o que me conduz é a impossibilidade  
o que me reduz é a incompreensão  
olham-me como se eu fosse um bicho de outra espécie  
e riem e criticam e excluem e odeiam  
como se eu fosse um pecado, um errado, doente ou sacana. [...]  
(MACHADO; MOURA, 2017, p. 109)

A poeta compõe um desmascaramento do corpo com ênfase no falo e humaniza o poema, problematizando seu gênero e desejo. Aquele que não é homem nem mulher, mas um ser que sobra e falta, é exatamente o desejo. Se há um poema gay, ele é exatamente “um bicho de outra espécie”, pois está sempre na fronteira: existe e inexistente; causa crítica e interesse; é excluído e ao mesmo tempo encontra cada vez mais seu lugar de fala. Reunido numa publicação, pode ser pecado ou erro, mas, irrevogavelmente, é humano.

Num primeiro contato, essa poesia aparentemente homoerótica pode ser assim compreendida como aquela que tratará de apresentar um discurso marcadamente de orientação homossexual. Porém, podemos considerar clara essa demarcação discursiva, considerando o interdito que até hoje permeia tal grupo social e o teor abstrato do gênero literário em que é elaborado, a poesia? A antologia então se justificaria por se tratar de textos escritos por autores declaradamente gays? O que faz nela, então, Drummond? Tais idiossincrasias vão permear nossa análise de *Poesia Gay Brasileira*, confrontando autor e obra, lugar de fala e lugar da linguagem, mantendo a poesia em posição de conflito, como lemos, mais adiante, no “Poema gay”:

Que troca de embalagem foi esta aí dos deuses  
que já me mandaram nascer nesse mundo enjoado  
com desvantagem  
encarnando minhalma em corpo errado  
como se houvesse um corpo de homem sobrando  
e uma alma feminina condenada? (MACHADO; MOURA, 2017,  
p. 110).

Mesclando tais embalagens corporais no gênero literário que evoca os deuses da inspiração, artistas como Hilda Hilst, Lúcio Cardoso, Maria Firmina dos Reis, Caio Fernando Abreu, Renata Pallottini e Antônio Cícero integram o rol de, no dizer de Seffrin, “quatro dezenas de autores a afrontar de cabeça erguida o obscurantismo que nos habita” (MACHADO; MOURA, 2017, quarta capa). O tempo verbal **presente** no texto de contracapa atesta o poder político extremamente atual desta que é a primeira antologia assumidamente gay publicada no Brasil. Tal saída do armário da literatura, portanto, acontece no momento de assentamento do neopentecostalismo fundamentalista no imaginário brasileiro, à época de lançamento, prestes a ser corroborado por votos de milhões de brasileiros para os cargos maiores da nação. Hoje, o retrocesso está confirmado.

A palavra gay, no contexto dessa poesia, funciona como um termo guarda-chuva abrigando “atos performáticos” (BUTLER, 2016) de corpos que desejam o mesmo gênero, sejam homens ou mulheres; corpos que desejam os dois gêneros; corpos cuja identificação social não condiz com a biológica e outros modos corporais cuja nomeação segue escapando, marginais que são. Esse chamado ao reconhecimento do merecido lugar que todas essas minorias podem ter neste momento está, por exemplo, num dos poemas de Cassandra Rios, chamado “Todas as mulheres”, no qual o eu lírico assume sua posição homossexual, tendo a palavra como espaço máximo para a *performance* ao mesmo tempo social e artística, e conclama suas companheiras para que também venham à luta, munidas de uma única arma, o desejo:

Todas as mulheres!  
Vinde!  
Quero ensinar-vos a arte de amar.  
Sou discípula de Safo  
Sou o que ela foi,  
aprendi palavras de amor no templo de Lesbos. (MACHADO;  
MOURA, 2017, p. 82).

Não aleatoriamente, é de Safo de Lesbos o verso que abre o livro. Ao cantar “Como escolher?/ Sou uma só e os desejos, dois” (p. 5), a poeta grega confirma diretamente o pensamento de Judith Butler, que dialoga com outras pensadoras feministas e elabora, num conjunto de pensamentos, uma conceituação possível para a mulher homossexual:

[...] a lésbica não tem sexo: ela está além das categorias do sexo. Por meio da recusa lésbica dessas categorias, a lésbica (e os pronomes são aqui problemáticos) denuncia a constituição cultural contingente dessas categorias e a pressuposição tácita mas permanente da matriz heterossexual. (BUTLER, 2016, p. 196).

Ao posicionar o desejo do corpo lésbico na fronteira entre as categorias masculinas e femininas, Butler (2016, p. 196) contempla outras performatividades que, assim como a mulher que deseja outra, indispõem-se frente à “pressuposição tácita mas permanente da matriz heterossexual.” O homem gay, por exemplo, também transcende a oposição binária entre os gêneros, muito embora seja um provável reprodutor das estruturas machistas. Ele tem em sua libido uma guerrilha em potência ou em ato. No poema “Soneto das enterradas vivas”, Renata Pallottini trava uma batalha contra o sagrado: “As pedras nos guardaram da tormenta./O olhar pecaminoso não nos toca./Não tenhas medo: dá-me a tua boca./ Respira o ar que nos resta, aura cinzenta./Chega-te a mim, amiga, amante, irmã!/O eterno não carece do amanhã.” (MACHADO; MOURA, 2017, p. 229). O afeto da mulher nomeada de modo múltiplo instaura o agora e o triunfo sobre o tempo, ideia reforçada pela pulsão de morte que nomeia e permeia o poema.

Pensando a publicação de obras de cunho homoerótico, Antônio de Pádua Dias da Silva (2012, p. 101) mostra o poder simbólico de tais manifestações homoeróticas no estabelecimento de novas formas de demarcar a diversidade sexual e equipara a antologia de temática gay a situações em que gays e simpatizantes tentam exibir “[...] o valor que estes sujeitos têm numa sociedade que está se abrindo para uma política de legalização das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. O professor aborda, assim, a multiplicidade presente tanto na produção como na recepção de produtos culturais que colocam grupos invisíveis na disputa do reconhecimento por sua humanidade.

Mário de Andrade, cuja orientação sexual foi alvo de gigantesco interdito<sup>3</sup>, tem apenas um poema na coletânea, o texto “Girassol da Madrugada”. Sua inclusão na antologia só é compreendida graças a uma nota de rodapé das organizadoras, informando do caráter substitutivo de um dos versos a um trecho considerado impublicável por Bandeira, um dos destinatários mais preferidos das missivas de Mário. Semelhante apoio contextual acontece com o “Rapto”, também único poema de Carlos Drummond de Andrade publicado na antologia:

Se uma águia fende os ares e arrebatava  
esse que é forma pura e que é suspiro  
de terrenas delícias combinadas;  
e se essa forma pura, degradando-se,  
mais perfeita se eleva, pois atinge  
a tortura do embate, no arremate  
de uma exaustão suavíssima, tributo  
com que se paga o voo mais cortante;  
se, por amor de uma ave, ei-la recusa  
o pasto natural aberto aos homens,  
e pela via hermética e defesa  
vai demandando o cândido alimento  
que a alma faminta implora até o extremo;  
se esses raptos terríveis se repetem  
já nos campos e já pelas noturnas  
portas de pérola dúbia das boates;  
e se há no beijo estéril um soluço  
esquivo e refochado, cinza em núpcias,  
e tudo é triste sob o céu flamante  
(que o pecado cristão, ora jungido  
ao mistério pagão, mais o alanceia),  
baixemos nossos olhos ao designio  
da natureza ambígua e reticente:  
ela tece, dobrando-lhe o amargor,  
outra forma de amar no acerbo amor. (MACHADO; MOURA, 2017,  
p. 79).

A informação que justificaria a leitura homossexual do texto está na pequena biografia que acompanha o nome de todos os autores no livro. É através do texto das

---

<sup>3</sup> Até 2015, quando uma de suas cartas a Manuel Bandeira foi publicizada após determinação da Controladoria Geral da União (CGU), atendendo o pedido do jornalista Marcelo Bortoloti, da Revista Época, via Lei de Acesso à Informação.

organizadoras que o leitor se depara com o mito do rapto do belo jovem Ganimedes por um Zeus metamorfoseado em águia. Não há absolutamente nenhuma menção direta à narrativa do deus grego no poema drummondiano, e toda a leitura feita pelas organizadoras é somente assentada em sintagmas como “rapto”, presente no título e em plural no corpo do texto; “águia fende os ares” e “amor de uma ave” remetendo a Zeus, e “de uma exaustão suavíssima, tributo/com que se paga o voo mais cortante;” e “vai demandando o cândido alimento/que a alma faminta implora até o extremo” em relação a Ganimedes e ao gozo entre as criaturas terrestre e divinal. Hermético, o poema de Drummond parece realmente construído com o propósito de tocar num tema que, embora recorrente na tradição da poesia greco-romana clássica, parece ter sido um problema de aceitação para um Drummond interiorano que cantou o amor hétero em sua poesia, inclusive pelo viés erótico. Este é considerado o único texto da obra drummondiana de temática homossexual.

O fato de cantar o arrebatamento de um humano masculino por um deus masculino de modo algum significa que o homem Drummond aceitava a homossexualidade como forma de vida. Alguns termos do poema demonstram um juízo de valor sobre a relação homoafetiva. São elas: “beijo estéril”, “cinza em núpcias”, “natureza ambígua e reticente”. Tais termos funcionam como uma proposição comparativa da homossexualidade com a heterossexualidade, dando a entender que esta é o padrão e aquela um desvio. Não à toa, o céu onde Zeus vara Ganimedes, segundo Drummond, é flamejante, mas tudo resulta numa tristeza. A leitura que o poeta propõe do mito é feita sob a perspectiva da moral cristã, também aí apresentando uma dicotomia nas acepções “pecado cristão” e “mistério pagão”. De qualquer modo, o poema se encerra com o eu lírico sugerindo que, diante da ambiguidade e da reticência da natureza, resta ao homem baixar os olhos para, se não compreender, aceitar “outra forma de amar no acerbo amor”. Sim, acerbo significa “azedo, acre, amargo”, e é assim que Drummond, que tantas vezes exaltou o amor em sua obra, vê o amor homossexual<sup>4</sup>.

Amanda Machado e Marina Moura não fizeram da seleção de textos mais uma das infundas demarcações de trincheira que cerceiam os grupos minoritários, vetando-os a um pensamento plural e unificador à medida que não reconhecem seu verdadeiro inimigo: a normatividade social como controle da sexualidade alheia. Nessa coletânea, a autoridade cede espaço à autoria plural na qual o tema homossexual interessa, embora seja constituído por vezes de modo simbólico e

---

<sup>4</sup> Num artigo publicado na seção Ilustríssima da Folha de São Paulo, em 2015, Marcelo Bortoloti, então doutorando em literatura brasileira pela UFRJ, trata da questão da homossexualidade na vida e na obra do poeta e menciona as declarações polêmicas dadas por Drummond sobre a homossexualidade, que ele achava algo repugnante, objeto de mal-estar. Bortoloti menciona como o suicídio do escritor Pedro Nava, bissexual não assumido e amigo de Drummond o deixara abalado. Mesmo assim, em entrevistas, o poeta afirma que a relação ideal é entre homem e mulher, enquanto que a relação homossexual trata-se de um desvio.

contextual, como é natural nos processos de significação em poesia. Quando tudo parece escuridão e a capacidade de sensibilização cede lugar ao medo e à irracionalidade, os corpos merecem e devem se utilizar de todas as possibilidades para se contrapor ao moralismo desumanizador. A palavra, sem dúvida, é uma delas. Não ignorar formas de existir por meio do desejo é desestabilizar certezas e escolher o inconsciente como mecanismo de ativação de saberes e sentimentos. Gay, bissexual, hétero, cis ou pan, é preciso manter viva a poesia, pois ela é finalmente a mantenedora da vida.

### **Estigmas do desejo no corpo negro.**

Para saciar o desejo de uns, muitos corpos já foram explorados, vilipendiados, escravizados, anulados. Esse é o caso da história dos africanos no Brasil, historicamente considerados uma dupla máquina: de trabalho e do desejo. A erotização do corpo negro sempre serviu ao interesse do desejo do branco, desde a colônia. O negro era máquina de trabalho, máquina de sexo e máquina de reprodução.

Vista pelos olhos dos brancos, a volúpia dos corpos negros é impressa na lírica e na prosa que abordam a presença negra no Brasil, mas geralmente de modo satírico e escarnecido, como a poesia barroca de Gregório de Matos. Ou seja, quase sempre o olhar sobre esses corpos diz muito não do desejo deles, já que são objetos, mas do desejo daqueles que assumiram a fala. Um dos estudos pioneiros sobre o uso do corpo negro para obter prazer é *Casa-Grande e Senzala*, publicado em 1933 por Gilberto Freire. Numa época em que o racismo científico oriundo do oitocentismo ainda imperava, esse estudo tenta demonstrar, entre outras coisas, os embates sexuais entre senhores e escravos nos quais o sexo era também um produto a ser explorado.<sup>5</sup>

Uma antologia da poesia negro-brasileira contemporânea tem uma dupla importância: permite que saibamos o que é e como se constitui o desejo a partir da autoridade negra. O negro poeta é sujeito e não objeto do desejo de outrem. Sob a perspectiva da negritude, o erotismo é atravessado também pelas inúmeras micropolíticas onde se situam as vozes plurais que aí assumem o discurso: é a voz negra masculina, por um lado, mas também a voz negra feminina e/ou feminista por outro; é a voz negra que liricamente enuncia um passado histórico de lutas e o ressignifica ou desconstrói um discurso hegemônico ao abordar a intimidade. Desse

---

<sup>5</sup> O estudo de Antonio Risério intitulado *A utopia brasileira e os movimentos negros* (2012) discute o ontem e o hoje da luta pela representatividade negra no âmbito intelectual. Para o autor, a década de 1930 foi singular na questão das discussões das relações raciais porque foi o momento de projeção do candomblé e criação da umbanda, da afirmação da música popular brasileira de forte influência negra, da presença do negro na prosa de Jorge Amado e do aprofundamento dos estudos sobre a mestiçagem e os negros (RISÉRIO, 2012, p. 361).

modo, confundem-se o privado e o público, história íntima e história coletiva, o desejo de um indivíduo questiona o desejo enquanto construção social sob o viés da história do negro no Brasil.

Esses discursos são, por assim dizer, metonímicos, uma vez que contêm uma revisão histórica coletiva na história particular que apresentam. Trata-se daquilo que Djamila Ribeiro (2017) discute em *O que é lugar de fala*, discussão ou posicionamento urgente dos ativistas de diversos movimentos, que não querem silenciar o lugar de fala hegemônico, senão marcar o seu próprio lugar: “[...] percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica” (RIBEIRO, 2017, p. 34).

*Pretumel: de chama e gozo* (2015) é dessas coletâneas cujas vozes cantam em coro uma nova canção, com timbres e dicções muito particulares. Nos noventa e cinco poemas de quarenta autores, ressoa uma leitura do desejo sob a perspectiva do negro isenta da fetichização da cultura colonialesca escravocrata e branca. Nesse sentido, leitores (brancos, negros ou mestiços) acostumados com a hipersexualização do corpo negro precisarão colocar seu espírito em estado de escuta para deixar que a memória do prazer evoque dores, violências, anulações e recalques. Para os organizadores, o controle “deriva para o exagero em nome da luta pelo poder ou pela permanência nele, luta travada entre indivíduos e grupos que, egoisticamente, objetivam monopolizar o prazer em todos os sentidos” (CUTI; KINTÊ, 2015, p. 7-8). E a seleção de poemas não apenas apresenta o desejo sob a perspectiva da identidade negra, como faz uma revisão crítica da presença do negro na história da formação do Brasil. Os estereótipos são dissipados, como o do “garanhão reprodutor” a que estava vinculado o negro bem tratado pelo senhor para aumentar as “máquinas humanas” da Casa Grande; ou a mulata sensual sempre pronta para ir à cama e nunca disponível para o casamento.<sup>6</sup>

A cada poema, o desejo se despe e mostra lábios grossos, corpo em curvas, cabelos e pelos pubianos crespos, variadas tonalidades do negro da pele; mas também o leitor se depara com o complexo cultural que a África nos legou. A resistência do negro diante de um racismo que não cessa também passa pela aceitação e exaltação do prazer. Por isso, alguns poemas abordam situações vexatórias, mas corriqueiras, da ex-colônia. O poema “Nas pedras na noite do Pelô Pelourinho”, de Geovane Sobrevivente, transporta-nos à primeira capital do Brasil Colônia, onde as pedras da ladeira do Pelourinho testemunham uma situação que passaria despercebido em virtude da naturalização dos olhares de desejo cristalizados na nossa história:

---

<sup>6</sup> Chama atenção o posfácio, que consiste numa conversa entre os dois organizadores da coletânea, no qual abordam inúmeras questões a respeito do prazer negro e a urgência de uma literatura erótica na qual os negros vejam os traços que lhes são característicos, além do fenótipo. Os organizadores também discutem a dificuldade que os negros têm de falar sobre sexo e prazer devido à herança histórica que os subordinou e os reduziu a máquinas de prazer.

Nas pedras da noite do Pelourinho  
Várias mulheres presenciaram  
Um pênis colonizado subir  
Por ver apenas uma pele branca.  
Nas pedras da noite do Pelô.  
Era educação do passado e do presente  
Era a educação do tesão desviado.  
Nas pedras da noite do Pelô  
Várias mulheres presenciaram  
Um pênis colonizado subir  
Por ver apenas uma pele branca;  
Nas pedras da noite do Pelô. (CUTI; KINTÊ, 2015, p. 32).

A cena ocorre na noite de um dos maiores centros turísticos do país, visitado por milhares de europeus. O erotismo é apresentado no poema a partir da visão de “várias mulheres” ao pênis intumescido de um brasileiro negro ou mestiço, “pênis colonizado”. Uma cena que expõe o tesão aprendido numa colônia cuja sociedade se formou a partir da miscigenação racial. A pele branca desperta o tesão na pele escura e vice-versa. É o fetiche que subia essa ladeira no passado e continua a subir agora. De fato, no posfácio do livro, os organizadores discutem o machismo entre os homens negros e sua preferência pelas mulheres brancas, fruto da colonização. Ao falar sobre a violência sofrida pelos negros que aportavam no Brasil e tinham suas relações de parentesco esfaceladas com a divisão dos membros da família, Akins Kintê vê aí a razão da recusa do negro ao corpo de uma negra e preferência pela branca, conforme aborda o poema de Giovane, que pode ser pensado como uma releitura do poema “A educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto:

Uma educação pela pedra: por lições;  
para aprender da pedra, frequentá-la;  
captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
a de poética, sua carnadura concreta;  
a de economia, seu adensar-se compacta:  
lições da pedra (de fora para dentro,  
cartilha muda), para quem soletrá-la.

\*

Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré-didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
e se lecionasse, não ensinaria nada;  
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,  
uma pedra de nascença, entranha a alma. (MELO NETO, 2008, p. 207).

A educação pela pedra, em João Cabral, de fora para dentro, exige que o aprendiz, a cada lição, frequente a pedra tomando com ela lições de moral, de poética e de economia, mas tudo se resume à dureza da matéria que se aprende, à pedra. No entanto, na segunda estrofe, o poeta apresenta outra lição pela pedra, ancorada no Sertão, de dentro para fora, que não ensina nada porque, como pedra de nascença, já está entranhada na alma do sertanejo. A lição de pedra, associada agora ao contexto do poema de Giovane, é uma comparação muito singular da relação entre fora-dentro, colonizado e colonizador, negro e branco. O que aprender com a educação sobre o erotismo num país cuja violência se deu a partir do sexo? Lição das pedras do Pelô: testemunhar a “educação do passado e do presente” e “a educação do tesão desviado”.

Os autores da antologia *Pretumel* são contemporâneos, negros e, em sua maioria, desconhecidos, apesar de alguns já terem uma carreira de escrita em andamento, caso de Cristiane Sobral, cuja obra poética pode ser facilmente encontrada nas prateleiras específicas de livros sobre as identidades negras expostas nas livrarias do sul e do sudeste<sup>7</sup>. Dos três poemas de Cristiane presentes na coletânea, o poema “Eu falo” merece particular atenção justamente por reivindicar esse “lugar de fala” do desejo:

Gosto do falo intumescido  
em um corpo negro com conteúdo  
que sussurra ao invés de gritar  
da fala certa do falo em chamas

Gosto do falo a invadir o negrume  
do espaço entre minhas pernas  
do falo decorado pelos neurônios  
falo sem falácias

O falo fica bem na boca  
é fonte suprema e sagrada refeição  
gosto do falo mudo de tesão  
a me deixar sem fala. (CUTI; KINTÊ, 2015, p. 110).

---

<sup>7</sup> A autora já publicou ao menos cinco obras, entre poemas e contos, além de participação nesta e em outras antologias.

O eu lírico, feminino e negro, elogia o falo do parceiro em *performance*. Porém, à medida que explica por que gosta do falo em ação, as referências a ele correspondem ao dote da linguagem. Se a boca da parceira oscula o falo como se provasse uma refeição sagrada, ao sussurrar e emudecer, o falo também deixa a mulher sem fala. Nas três estrofes, falo e fala se confundem, demonstrando de modo muito sublimar que, nessa relação amorosa, o homem precisar pensar com a cabeça de cima. Ser dotado de conteúdo, de neurônios e de momento para calar é o que deixa a parceira com tesão. Se a linguagem do prazer muitas vezes foi confundida com uma disputa entre quem manda e quem obedece, quem fala ou grita e quem deve permanecer calado, quem come e quem é comido, o eu lírico do poema de Sobral põe em evidência uma outra forma de valorização do homem, não reduzido ao órgão sexual, nem condicionado à *performance* sexual destituída de inteligência.

Por isso, para louvar o desejo, os poemas não apenas estão recheados de descrições de posições sexuais (ainda que implícitas) e partes do corpo, zonas erógenas, como peitos, bunda, falo, grandes e pequenos lábios, etc., mas também desfilam por aí elementos da cultura negro-brasileira, tais como orixás, palavras provenientes da história da escravidão e da resistência negra (Palmares, quilombadas), referência à cor da pele em palavras como “melanina”, “melaninar”, “pretume”, “negrume”, “ébanó”, “preta”, “negritude”, “nêgo”, “cravo e canela”... Essa profusão de referências à cultura negra, quase sempre metáforas para situações em que o desejo irrompe, coloca em questão o erotismo a partir do lugar do negro, conceito proposto no poema de Mel Adún, que diz: “não somos só erotismo/ mas sabemos ser o delírio dos escolhidos/ os poucos (ou nem tanto)/ com quem escolhemos dividir a cama [...]” (2015, p. 34).

Antes objeto de repulsa pela violência ao corpo e à alma, agora o sexo torna-se antídoto contra a lembrança do sofrimento. Um poema-protesto, o corpo em convulsão sendo curado dos males e do banzo. É a religião do prazer que o poema evoca, uma religião-religião onde os corpos é que são sagrados, carregam memórias e decidem o que querem e como querem explorar o próprio corpo e o corpo do outro, sem os grilhões da objetificação e animalização de outrora, violência cotidiana a serviço dos homens de bem da colônia.

## Conclusão

O discurso erótico sempre foi transgressivo, questionador e subversivo. Entretanto, houve tempos em que ele precisou ser mais enfático, geralmente em momentos e lugares onde imperava o autoritarismo. Pelo erotismo se pode rebaixar o que se colocou no alto, elevar o que está caído, colocar no centro o marginal e marginalizar o que está em evidência.

As antologias eróticas que reúnem trabalhos produzidos por mulheres, negros, pela população LGBTQI+ e outras minorias atravessam o cânone, confundindo-o, para revisá-lo e reatualizá-lo em nome das demandas urgentes dos discursos e produções contemporâneas. Assim, algumas das questões propostas na introdução podem ser respondidas agora, ao menos de modo preliminar. Há, sim, o despontar de diversidade de vozes na literatura que se produz neste século, mas ela ainda continua branca, heteronormativa, masculina e, em parte, reprodutora do discurso patriarcal, conforme apontam os dados da pesquisa da professora Regina Dalcastagnè publicada em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012)<sup>8</sup>. Entretanto, a lírica reunida nessas antologias também sinaliza para um cânone que está sendo gestado à luz da pluralidade étnica e afetiva.

Por fim, quando nos perguntamos se seria possível pensar o erotismo na poesia das minorias a partir de um discurso libertador e não repressivo, é possível perceber que os sujeitos líricos, quando falam do desejo e de sua satisfação na cama, seguem duas vertentes discursivas: uma que descreve os corpos e o prazer que deles emana, e outra que faz uma revisão da história desses sujeitos dissidentes. A consciência sobre a existência de antologias eróticas contendo obras de autores clássicos serve como estímulo para que grupos sociais excluídos tomem coragem para expressar o seu próprio desejo sem necessitar tornar-se o discurso do outro.

Pensamos que, para estimular o surgimento de novas reuniões de textos que deem voz a grupos historicamente tratados como dissidentes, não é necessário eliminar as vozes do cânone. Ampliar o direito à fala é também aumentar as difusões do sentido, mostrando que a interpretação seja de que texto for não pode ser uma, santa e incontestável. A poesia nos mostra que o verbo se faz carne para nos contradizer, para nos dar enigmas, para até mesmo ofertar parábolas que jamais se resolvem por completo. Na disputa de poderes entre aqueles que estão saudosos por tempos de subserviência e imobilidade e nós, portadores e investigadores da palavra, o poema é a arma que pode unir, exigindo para isso que estejamos abertos e abertas para a diferença e à sensibilidade. Não ignorar formas de existir por meio do desejo é desestabilizar certezas e escolher o inconsciente como mecanismo de ativação de saberes e sentimentos.

SILVA, Claudicélio R. da; SILVA, Lúcio F. G. da; MATOS, M. V. M. *Anthologies of desire: where pleasure dares to speak. Itinerários*, Araraquara, n. 48, p. 129-149, jan./jun. 2019.

---

<sup>8</sup> A pesquisa de Dalcastagnè refere-se à ficção brasileira, o perfil de seus autores e de seus personagens, bem como o local onde as tramas se desenvolvem. Especificamente o capítulo 6 do livro, intitulado “Um mapa de ausências”, interessa aqui para pensar a diversidade ou não dos sujeitos brasileiros representados na literatura.

■ **ABSTRACT:** *Once anthologies are reflexes of an era in evidence and its themes, this article analyzes four literary works whose texts and authors were gathered around eroticism, a classic and recurrent topic in literature, especially in times ruled by authoritarianism, conservatism and fundamentalism. Erotic literature and its licentious speech positions itself as a transgression mechanism, while it criticizes old behaviors and promotes knowledge about the body, pleasure and the possibilities to use it. What's the translator's and organizer's purpose in gathering texts from an erotic speech tradition, from different ages and cultures? What's the importance of an erotic poetry anthology to Brazilian literature history? Why do minorities need to demarcate a territory and a speaker's location in literature? This article offers a different reading of the erotic speech through anthologies as political acts, in which the canon is crossed, jumbled, revised and rethought on behalf of the urgent demands brought by contemporary productions and speeches. Our study starts from the works Antologia erótica em tradução (2006), organized by José Paulo Paes, and the Antologia da poesia erótica brasileira (2015), organized by Eliane Robert Moraes, and focuses on two anthologies of dissident minorities: Poesia gay brasileira – Antologia (2017), organized by Amanda Machado and Marina Moura, and Pretumel de chama e gozo: antologia de poesia negro-brasileira erótica (2015), organized by Cuti and Akins Kintê.*

■ **KEYWORDS:** *Anthology. Erotic poetry. Minorities. Representation.*

## REFERÊNCIAS

BORTOLOTTI, Marcelo. A homossexualidade na vida e na obra de Carlos Drummond de Andrade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de julho de 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/07/1659927-a-homossexualidade-na-vida-e-na-obra-de-carlos-drummond-de-andrade.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CUTI; KINTÊ, Akins (Org.). **Pretumel de chama e gozo: antologia de poesia negro-brasileira erótica**. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP; Rio de Janeiro: Editora Horizonte; Editora da Uerj, 2012.

MACHADO, Amanda; MOURA, Marina (Org.). **Poesia Gay Brasileira – Antologia**. São Paulo: Editora Machado; Amarelo Grão Editorial, 2017.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MORAES, Eliane Robert (Org.). **Antologia da poesia erótica brasileira**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

PAES, José Paulo (Org.). **Poesia erótica em tradução**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Editora 34, 2012.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. *In: Leitura: Revista do PPG em Letras e Linguística, UFAL*, n.49, Maceió: EDUFAL, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946/620>. Acesso em: 02 jan. 2019.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

ZULAR, Roberto. Resenha de “Antologia da poesia erótica brasileira”. **Teresa**, São Paulo, n. 17, p. 355-359, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/issue/view/9441>. Acesso em: 01 jan. 2019.



